

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Katana Redel Cruz

COMO ISSO PODE SER AULA SE EU ESTOU GOSTANDO?
ESTRANHAMENTO DE ALUNOS FRENTE A UMA DOCÊNCIA IRREVERENTE.

Porto Alegre
1º semestre
2010

Katana Redel Cruz

**COMO ISSO PODE SER AULA SE EU ESTOU GOSTANDO?
ESTRANHAMENTO DE ALUNOS FRENTE A UMA DOCÊNCIA IRREVERENTE.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial obrigatório para a obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Darli Collares

Porto Alegre
1º semestre
2010

AGRADECIMENTOS

Durante o percurso desta brincadeira trabalhosa, algumas pessoas estiveram ao meu lado nas horas de cansaço e de entusiasmo.

Em primeiro lugar, agradeço a minha tia e segunda mãe Rita Maria Cruz que em todos os momentos da minha vida esteve ao meu lado, **SEMPRE** me apoiando e compreendendo, sendo a minha maior incentivadora.

Aos meus amigos Juliana Freitas e Cristiano dos Santos que compartilharam não só os momentos de comemoração, mas também as dificuldades, dando apoio quando precisei.

A minha colega e amiga Tatiana Telch Evalte que foi uma grande companheira de risos e angústias durante o curso, dando-me o maior presente de todos, meu afilhado.

As quequebetes Francine Martine, Karina Lietszche e Dani Goes.

A minha família, em especial meu pai que nunca desistiu dos meus estudos.

A minha orientadora, ex-orientadora de bolsa de monitoria de Graduação e amiga que me inspiro para poder brincar eternamente, Darli Collares.

Por último, mas certamente não menos importante, a minha mãe, a quem devo o que sou e muito do que sei.

A essas pessoas fica o meu **MUITO OBRIGADO**.

Prefiro a rebeldia que me confirma como gente e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanismos que o minimizam. (Paulo Freire)

RESUMO

Este estudo, de caráter teórico-reflexivo, busca refletir sobre uma cultura escolar domesticadora e sobre como ela interfere no pensamento de alunos. A pesquisa tem origem em uma semana de prática realizada no sexto semestre da UFRGS em uma turma de quarta série de uma escola Estadual de Porto Alegre, na qual encontrei dificuldades ao propor um planejamento de aula diferente do que os alunos estavam acostumados. Ao se depararem com uma docência irreverente, demonstraram estranhamento. Foram utilizadas para análise escritas desses alunos, charges, literatura, letras de músicas e minha própria caminhada de estudante. Embaso-me, principalmente, em autores como Freire (1996), Snyders (1993), De La Taille (1999) para constituir meu referencial teórico. Observa-se, através das falas dos alunos, um discurso já construído sobre docência, a saber, aquela inscrita na vertente tradicional e, devido a isso, um desconforto ao se depararem a uma forma de aula que foge a esse discurso. Concluo os estudos defendendo a necessidade e possibilidade de transformação da ação docente para que se possa construir um espaço escolar onde o novo, o diferente, a alegria, os desejos dos alunos estejam entrelaçados com os objetivos escolares.

Palavras-chave: Cultura escolar. Docência irreverente. Estranhamento.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Fechado e protegido	11
Figura 02 -	Um mundo de silêncio e imobilidade	13
Figura 3 -	Diferenças	14
Figura 4 -	1ª Charge Mafalda	16
Figura 5 -	2ª Charge Mafalda	16
Figura 6 -	Um mundo com conteúdos estranhos	21
Figura 7 -	3ª Charge Mafalda	21
Figura 8 -	Menino no vidro	22
Figura 9 -	Charge Kini e Sniff	25
Figura 10 -	Saindo dos vidros	26
Figura 11 -	Quebrando os vidros	30

SUMÁRIO

1.	UNINDO AS PEÇAS DO QUEBRA-CABEÇA.....	7
2.	NEM ESCOLA DE VIDRO, NEM MONSTRO DE SETE CABEÇAS, UMA ESCOLA DE VIDA!.....	10
2.1	FALANDO DE MINHAS LEMBRANÇAS.....	15
3.	COMO ISSO PODE SER AULA SE EU ESTOU GOSTANDO?.....	19
4.	MINHA ESCOLA NÃO É DE VIDRO	26
5.	CONCLUINDO O QUEBRA-CABEÇA	31
6.	REFERÊNCIAS	33

1 UNINDO AS PEÇAS DO QUEBRA-CABEÇA

Meu primeiro vestibular foi para Psicologia. Recém havia saído do colégio e não consegui passar. Após um ano de cursinho resolvi tentar Pedagogia. Por quê? Bom, acho que até hoje nem eu sei direito, talvez pelo simples motivo do curso me dar uma base para o que eu gostaria de fazer, Psicologia Infantil. Hoje ainda fico em dúvida sobre esse desejo que vem desde a oitava série. Mas uma coisa eu tenho certeza: aprendi a respeitar e a gostar do curso que escolhi. Fui conquistada pela ideologia da Educação, pela sua paixão, pela sua luta. Não poderia esquecer também os alunos que tive práticas, a própria Universidade e os professores que nela atuam.

Durante esse tempo de universitária muitas histórias pra contar: era uma vez uma menina que entrou na UFRGS e lá foi construindo-se como aluna, como pedagoga, como mulher, como mulher adulta, mas também como “mulher na infância” que nunca deixa sua criança ser esquecida. Inicialmente com medo de entrar na sala de aula como professora, apesar de atualmente ainda dar um frio na barriga quando entro a primeira vez, muitas dúvidas de o que fazer e como dar aula. Aprendi que dúvidas e medos fazem parte dessa profissão, pois o imprevisível está sempre presente por mais que tentemos controlá-lo, o que não é fácil, pois queremos a todo momento ter tudo sob controle. Percebi com isso o quanto na Pedagogia o “erro” era temido pelas alunas até o final do curso, mas afinal errar não é humano?

Foi em uma semana de prática, em uma quarta-série¹, que entrei em “crise”, digamos que no percurso da faculdade já havia passado por diversos momentos, para mim: chocantes. Mas essa quarta-série mexeu com minhas estruturas de pedagoga. Foquei minha temática na ludicidade, já que participava como bolsista de extensão no programa “Quem Quer Brincar?” da UFRGS há meio ano e, naquele momento tinha uma bolsa de monitoria na disciplina Jogo I., estava bem envolvida com a questão do lúdico podendo colocá-la agora em prática na escola.

Bom, para começar deram-me uma turma super sapeca, exatamente aquela que nenhuma professora gostaria de pegar, como adoro essas turmas terríveis (talvez por ser terrível em aula) achei que não seria problema. Engano meu, ao menos no início, encontrei grande dificuldade, não estavam acostumados a nenhum diálogo, nem a forma como conduzia

¹ Semana de prática ocorrida no curso de Pedagogia da UFRGS em que as(os) alunas(os) planejam a aula e a colocam em prática em uma escola.

a aula. Não bastasse isso, a titular dizia-me que só na “conversinha” eu não iria conseguir nada, para que eles prestassem atenção teria que passar exercício em cima de exercício. Não preciso dizer o quanto esse momento é desanimador, três anos de teoria indo contra esse método para ter de retornar a ele?

Propus algumas formas de escrita nessa turma que traziam suas idéias sobre aula, muitas frases chamaram-me a atenção como: “eu acho que aula é para estudar para o vestibular”, “no primeiro dia de aula a escola parece um monstro de 7 cabeças com garras pronto pra te atacar”, “Aula pra mim é ficar sentado e copiar as coisas do quadro e responder as perguntas da professora”, “Quando eu me formar eu não vou mais precisar estudar e vou pegar um trabalho de policial.”. Em uma brincadeira feita à pergunta para eles era “o que poderia melhorar na minha forma de dar aula?” uma das respostas foi “se a sora fosse mais chata e tirasse *alguns alunos* (foram dito três nomes) da aula”.

Repensei toda minha trajetória universitária. Percebi o quanto a teoria é diferente da prática e dei-me conta disso quanto refleti e questionei a forma como os próprios educadores da Pedagogia falam sobre a teoria e a importância da ludicidade, mas não a utilizam em sua prática e, quando esta presente é de uma forma didatizada, para sintetizar os conteúdos. Talvez porque seja difícil mudar, ou então porque essa temática não é levada à sério pela sociedade, sendo considerada perda de tempo, conseqüentemente o medo de não ser levado a sério. Se eu em uma quarta-série passei por “boazinha” por conduzir a aula de outra forma, imagino que professores universitários tenham receio de ser considerados “bonzinhos” ou até “bobinhos” demais por tentarem mudar.

Pois é, mudar não é fácil, mas não é exatamente isso que aprendemos no curso? Que às vezes temos que bater o pé e ir em busca do que acreditamos? Deixar o medo de lado e arriscar algo novo? O novo, tão falado e assustador NOVO. Muitas vezes me pego perguntando “como buscar esse ‘novo’ se em quatro anos de curso a quase totalidade dos professores deram aulas tradicionais, mas claro, com o discurso do ‘novo’?”

Com todas essas inquietações encontro-me, ainda hoje, entrando em sala de aula como em meu estágio curricular, em um Jardim B, e vejo-me, com frequência, sendo convocada a mudar meu jeito de ser ao entrar em sala de aula para obter respeito, ou seja, posso até colocar brincadeiras no meu planejamento, devendo, no entanto, ser séria ao colocá-lo em prática. Por que preciso colocar medo para ter respeito?

A partir dessas inquietações surge à temática do meu trabalho de conclusão de curso: eu achava que o meu objeto de pesquisa estava na questão do lúdico por parte do professor em sala de aula, mas descobri que esse lúdico possuía um sentido mais amplo. Esse lúdico

abarcava o irreverente, o humor e a alegria compartilhados em sala de aula pelo professor e seus alunos. No entanto, uma docência irreverente enfrenta obstáculos em uma grande barreira: uma cultura escolar domesticadora.

Com base nessas inquietações, vou unindo as lembranças como se unisse peças de um quebra-cabeça, entrelaçando teoria, falas de alunos, literatura, charges e reflexões. Dessa forma o estudo assume um caráter teórico-reflexivo que visa pensar sobre o estranhamento de alunos de uma quarta-série de uma escola Estadual de Porto Alegre frente a uma docência irreverente.

Penso que o maior perigo para a Pedagogia está na arrogância dos que sabem, na soberba dos proprietários de certezas, na boa consciência dos moralistas de toda espécie, na tranquilidade dos que já sabem o que dizer aí ou que se deve fazer e na segurança dos especialistas em respostas e soluções. Penso, também, que agora o urgente é recolocar as perguntas, reencontrar as dúvidas e mobilizar as inquietudes. (LARROSA, 2003, p. 8)

2 NEM ESCOLA DE VIDRO, NEM MONSTRO DE SETE CABEÇAS: UMA ESCOLA DE VIDA!

“Adeus, maninha, adeus brinquedo de visita nos recantos do sótão, com cadeiras de faz-de-conta e um tapete que era um saco, adeus, sol matinal espiando pelas frinchas; Tico vai pra escola aprender a ler [...]

Caminhava ao lado do irmão, procurando acertar o passo. As botinas novas estavam apertadas e ringiam, duras como pau. Passava o polegar pela correia da mochila para imitar o irmão, mais alto, mais bonito na roupa de marinheiro com o lindo cabeção azul. Ele era o modelo incomparável. O prestígio cercava-o de um esplendor misterioso. Possuía o garbo dos heróis que não temem a escola porque já conhecem aquele vago mundo ameaçador. Aprumado, caminhava serenamente pela rua cheia de aventuras, sem se alterar. Tico observava com o rabo do olho a expressão, o porte, o andar, o jeito de carregar a bolsa, que lhe pareciam regras sublimes de conduta; fazia questão de não parecer “bicho” [...]

- Esta aqui é a rua do colégio. Lá está ele, lá em cima. (*disse o irmão de Tico*)

Apontava uma casa grande no alto da lomba, toda furadinha de janelas e cercada de arvoredo. O muro acabava num barranco. O som de uma sineta, conforme o capricho do vento aproximava-se ou perdia-se ao longe. Vinha até cá embaixo a algazarra da criançada, decerto brincando no pátio, à espera da hora.

Grupos de guris subiam à lomba, endomingados para o primeiro dia de aula, e Tico, pela mão de Rico, observava-os com toda a atenção. O colégio crescia no alto da ladeira, batido de sol: as janelas estavam querendo engolir os alunos.

De repente, o menino olhou o céu, viu por acaso uma nuvem que passava e sentiu uma vontade louca de fugir.” (Meyer, 1949, p.36)²

Para quem já frequentou a escola por muitos anos, talvez a idéia que se tem da escola expressa nesse trecho pareça um pouco chocante. Mas o que será que pensávamos dela no nosso primeiro dia de aula? Poderia ser tão assustadora assim como a de Tico? Será que Tico sabia sobre os vidros da escola, descritos por Ruth Rocha (2003)³:

Naquele tempo eu até que achava natural que as coisas fossem daquele jeito.

Eu nem desconfiava que existissem lugares muito diferentes...

Eu ia pra escola todos os dias de manhã e, quando chegava, logo, logo, eu tinha que me meter no vidro.

É, no vidro!

Cada menino ou menina tinha um vidro e o vidro não dependia do tamanho de cada um, não!

Aliás nunca ninguém se preocupou em saber se agente cabia nos vidros.

E, pra falar a verdade, ninguém cabia direito.

² Epígrafe composta de trechos do livro Segredos da infância e No tempo da flor (1996)

³ Epígrafe composta de trechos do livro Admirável mundo louco. In: Quando a escola é de vidro (2003) Sem indicação de página.

Num mesmo enfoque, os autores da obra “Cuidado escola!” (HARPER et all, 1980, 42) utilizam uma imagem de escola protegida por uma redoma de vidro, com a qual é mantida isolada do mundo e com seus saberes aprisionados.



Figura 1 - Fechado e protegido (HARPER et all, 1980, p. 42)

Pois é, não é de hoje que essa instituição existe. Inclusive, já passou por diversas mudanças. O engraçado é que vem ano, passa ano, luta-se para que não haja tanta evasão nas salas de aula. Tenta-se atrair o aluno para o estudo, acredita-se na formação do professor inserindo no currículo disciplinas que os façam pensar, questionar, refletir sobre a prática docente e suas maneiras de envolver os alunos. Mesmo assim, ela continua sendo assustadora

atualmente, em que certa hora do dia os educandos, inquietos em suas cadeiras, sentem uma vontade louca de fugir.

A escola de hoje, onde não há palmatória, onde quase não há castigo, não tem uma imagem melhor, em relação à alegria, do que a mais rude escola do passado (Snyders, 1993, p. 14).

Afinal o que mudou mesmo nessa instituição escolar durante esses anos todos? Ou são apenas mudanças superficiais para que as estatísticas oficiais mostrem um avanço. Conforme Harter e outros autores (1980, 108).

A grande maioria das reformas e inovações pelas quais passa a escola são simples retoques de fachada: prédios mais modernos, programas mais atualizados, exames menos cretinos que os testes de múltipla escolha, utilização de métodos audiovisuais, etc.

A escola ainda hoje é um mundo a parte onde o conhecimento está fora dessa redoma de vidro que é a instituição escolar. O mundo a ser descoberto pelos alunos não pode se limitar a quatro paredes, há muito mais a ser conhecido e experimentado além do que está nos livros didáticos. E os alunos sabem disso, por isso ficam impacientes sentados em suas cadeiras todas aquelas intermináveis horas do dia, por isso querem conversar com os colegas e falar sobre assuntos que lhe são concretos e não aquele mundo de palavras e letras que sai da boca da professora e dos livros, mas que aparenta ser tão... tão... ABSTRATO!

Que triste esse mundo a parte que não se permite sair do seu mundinho e explorar a vida ao seu redor. Ao contrário disso, criam-se robôs, todos iguais, uniformes. Na escola aprende-se a sentar, a falar, a escrever, a repetir, tudo certinho, mas, o que é o certo mesmo?

“Não precisamos de controle mental, chega de humor negro na sala de aula. Professores, deixem as crianças em paz! Tudo era apenas um tijolo no muro. Todos são somente tijolos na parede.

“Errado, faça de novo!”

“Se você não comer sua carne, você não ganha pudim. Como você pode ganhar pudim se não comer sua carne?”. (Floyd, 1979, faixa 5)

A escola é assumida como um espaço de controle. Controle da mente, controle do corpo. Onde o aluno tem que ficar sentado, quieto, escutando o que lhe é passado, não tem direito, apenas dever, dever de ser controlado. Silêncio e imobilidade (HARPER et all, 1980).



Figura 2 – Silêncio e imobilidade (HARPER et all, 1980, p. 47)

É essa educação que queremos? Não coloquemos toda a culpa no professor, há por trás de todo esse controle um sistema muito maior, inclusive “a educação formal que é vivida na escola é um subsistema do sistema maior” (HARPER et all, 1980). Mas o que quero mostrar aqui é toda essa cultura de modelação que atinge a escola, de forma não gratuita, é reproduzida aos sujeitos que a frequentam.

Vidros, vidros, vidros! Por todos os lados, vidros! Uma cultura que nos molda, onde todos os vidros são iguais, onde não há espaço para o diferente. O quê? E se ele existir? Bom, para isso servem os vidros, os diferentes serão moldados até se encaixarem no seu lugar. Caso contrário, o que se faz com um produto quando esse não segue os padrões pré-estabelecidos? É descartado, é excluído. Nesse caso não seria diferente, e como poderia ser ‘DIFERENTE’?

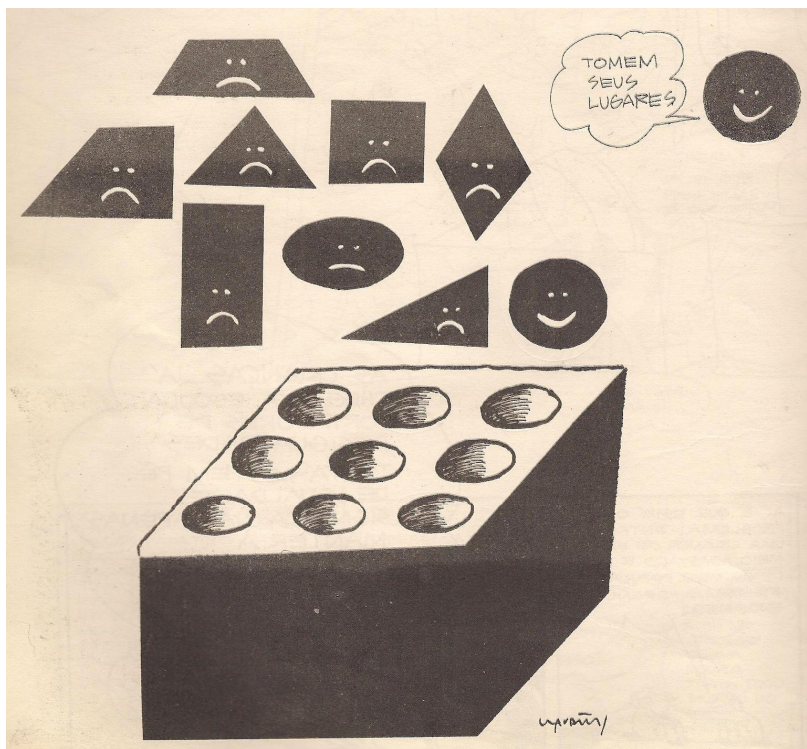


Figura 3 – Diferenças (HARPER at all, 1980, p. 72)

Nota-se a não aceitação do diferente, devido a isso a escola visa à uniformização dos sujeitos que a frequentam. Assim torna-se mais fácil ter o controle de todos.

A busca dos professores e da escola, em geral, é da uniformidade dos alunos. Esta se alcança através de dois aspectos principais: o conhecimento e o comportamento. A estrutura da organização escolar já induz ao aspecto da uniformidade: a organização da escola em séries; o currículo como um programa de assuntos sucessivos a serem ensinados em ordem de complexidade (no julgamento da escola); a divisão dos alunos na turma e depois na sala de aula (espelho da turma) como forma de uniformizar o comportamento. (EIZIRIK, MARRISA FAERMANN; COMERLATO, DENISE, 2004, p. 20).

Que jogo é esse da escola, onde o ponto de partida é a 1ª primeira série (isso sem contar a Educação Infantil que são as preliminares, a “concentração” para se entrar no jogo), “um monstro de 7 cabeças com garras pronto pra te atacar” e passado a primeira casa do tabuleiro, ops, a primeira série, vem a segunda, a terceira e assim por diante, em todas vidros e mais vidros, até alcançar o ponto de chegada em que estamos formados, aptos para a próxima fase. Ou será deformados? Isso se não acabar tento de repetir o ano porque tirou “nota dois no dado” e acabou na casa que manda ficar mais uma rodada sem poder avançar.

Que admirável não seria esse mundo a parte se conseguisse “conciliar os seus objetivos pedagógicos, com o desejo dos alunos.” (FORTUNA, 2000, p. 160)

2.1 FALANDO DE MINHAS LEMBRANÇAS

Em uma das minipráticas do curso de Pedagogia em uma turma de quarta série os alunos escreveram o que entendiam por aula:

No primeiro dia de aula a escola parece um monstro de 7 cabeças com garras pronto pra te atacar (aluno).
--

Que concepção de escola uma criança tem para simbolicamente torná-la, com essas palavras, tão assustadora? Essas crianças que vão entrar na escola já a veem como um monstro.

Frases encontradas na produção textual, solicitada por mim no primeiro dia em que fui professora da turma, como “Aula pra mim é ficar sentado e copiar as coisas do quadro e responder as perguntas da professora, ir ao recreio e lanchar” ou “eu acho que aula é estudar para o vestibular e a faculdade” mostram o entendimento dos alunos sobre aula. Além de parecer um monstro inicialmente, após estar lá dentro vira quase um “campo de concentração”, no qual a atenção é toda voltada para o seu foco que é formar e ingressar o estudante na faculdade. Para isso, é claro, necessita ser “domesticado”. Como? A receita é fácil: ficando sentado e copiando as coisas do quadro, seguido de uma “pitadinha” de respostas às perguntas da professora.

Penso que não seja um exagero da minha parte. O conceito de aula faz-se necessário ser repensado, na universidade, na escola, com nossos alunos e até mesmo com os pais destes, já que muitas vezes é em casa que esse conceito é construído.



Figura 4 - 1ª Charge Mafalda⁴

É preciso repensar essa cultura escolar assustadora tão fortemente presente em nossa sociedade, fazendo uma leitura crítica do contexto na prática de sala de aula, desde o primeiro contato do aluno com este espaço. Estando a criança inserida em um meio em que os objetivos do professor e as necessidades e individualidades dos alunos estejam relacionadas para pensar um planejamento, esse espaço escolar estará pronto para tornar-se um ambiente mais atraente onde os conteúdos tenham algum valor para quem aprende. Pode, assim, haver espaço para a pergunta (por parte do educando e, não só do educador), para o questionamento, para a crítica, para a brincadeira.

⁴ Retirado de http://baudoluizinho.blogspot.com/2008/11/hq_25.html acessado em 24 de maio de 2010



Figura 5 – 2ª Charge Mafalda⁵

Como me alegra esse comentário da Mafalda. Quantos gostariam de dizer isso e não conseguem. Afinal qual o intuito de toda essa aprendizagem que parece não fazer sentido para quem estuda?

A escola ensina o que convém a ela, conteúdos que não são concretos para quem a frequênta, ou seja, saberes que não fazem parte do cotidiano desses sujeitos. Ações que deveriam ser simples tornam-se complexas, de difícil acesso.

[...]se as pessoas não cantam mas compram milhões de discos em que profissionais cantam por elas; se não sabem mais comer, mas pagam o médico e a indústria farmacêutica para tratar dos efeitos da má alimentação; se não sabem como educar os filhos, mas alugam os serviços de educadores diplomados; se não sabem consertar um radinho ou uma torneira, nem como curar uma gripe sem remédio, ou cultivar uma alface, etc., tudo isso acontece porque a escola tem como objetivo inconfessável fornecer as indústrias, ao comércio, às profissões especializadas e ao Estado, trabalhadores, consumidores, clientes e administrados sob medida. (HARPER et al, 1980, p. 89)

Devido a isso a escola é vista como um monstro de sete cabeças em que os alunos são os fregueses que vão todos os dias a escola e não sabem por que, como ficou explicitada na fig.3 (Charge Mafalda). Fregueses que recebem o conhecimento que a escola quer dar, conhecimento esse que muitas vezes não faz sentido algum para quem o recebe.

Será que a escola deve se limitar a essas funções? Aceitar os alunos como sua clientela. Onde os saberes são transmitidos hierarquicamente do educador para o educando. Onde o controle sobre estes está presente. Ou pode-se pensar, para além disso, e transgredir essas idéias? (DELVAL, 2006)

⁵ Retirado de http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/didatica/unidade2/planejamento/unidade2_1.html acessado em 11 de maio de 2010.

Na aula da escola tradicional, o professor é o ponto de referência das atividades que são realizadas. Ali os alunos de um mesmo grupo se reúnem com ele para ouvir suas explicações ou para executar as tarefas que distribui entre eles. Os alunos se sentam nas carteiras de frente para o professor e para a lousa em que ele escreve suas explicações. Em muitas escolas já se trocou o sistema de bancos fixos pelo de cadeiras e mesas, o que permite, por vezes, criar outros tipos de agrupamento. Mas o professor controla tudo o que acontece: compartilha os acontecimentos, mantém a ordem, administra prêmios e castigos e, em última instância, representa a autoridade. (op.cit., p. 39).

Devido a essa escola dita tradicional, em que preza-se uma cultura do controle, a criança entra nessa instituição já com receio, tendo construído uma imagem assombrosa de um monstro. Além disso, estrutura uma ideia em que as aprendizagens nesse ambiente servem para o futuro, para o vestibular, a faculdade, para ser um jovem ou adulto que escuta, que obedece.

O professor sabe, os alunos ignoram, o professor estabelece a ordem, os alunos são indisciplinados, distraem-se, falam, pensam em outras coisas; compete ao professor encher-lhes a cabeça de conhecimentos, ao que os alunos parecem resistir, torna-los dóceis, mantê-los sentados e participantes da atividade coletiva. (op.cit.)

3 COMO ISSO PODE SER AULA SE EU ESTOU GOSTANDO?

Eu odeio quando vem uma professora que está fazendo estágio com nossa turma e no começo é toda querida com brincadeiras e depois não fazem mais...(aluna)

Que experiências passou essa aluna para escrever com tanta angústia essa frase? Que marcas ficaram de uma docência ilusória? Quando li essa frase, identifiquei nela um pedido de socorro: não seja mais uma, não desista de nós, não desista de mim!

Desistir! Seria tão mais fácil, às vezes, são colocadas tantas barreiras no caminho do professor que dá vontade de jogar tudo para o alto, deixar toda a teoria de lado e entrar no vidro. No entanto, como ficam os alunos, como fica essa menina que pede socorro e como ficam nossos ideais? Penso que devemos escutar mais essas crianças, seus pedidos e seus desejos e acreditar mais em nossas possibilidades de transformação. Pedido de ajuda; desejo de perseverança.

Há, na relação professor-aluno, alguns limites impostos que não devem permanecer estáticos.

“Limite” não deve ser pensado apenas como ponto extremo, como fim, como limitação. Não há dúvida que esse é um de seus significados, mas apenas um, apenas um lado da fronteira. “Limite” significa também aquilo que pode ou deve ser transposto. Toda fronteira, todo limite separa dois lados. (LA TAILLE, 1999, p. 12)

Os educadores precisam refletir sobre seus limites em sua prática, ultrapassar o começo toda(o) querida(o) (dinâmico) com brincadeiras e depois não fazer mais. Não é fácil mudar? Realmente não é fácil mudar, mas se a opção é o mais fácil então à decisão será a de desistir, sem entrar no vidro. Deve-se estar consciente que dificuldades haverá no caminho, afinal o trabalho docente não é um mundo cor-de-rosa. Considero isso animador, pois prefiro muito mais uma sala de aula que parece um arco-íris do que um mundo cor-de-rosa. O que é a beleza do arco-íris senão as suas várias cores juntas, unidas, cada uma com sua tonalidade, sua singularidade. É essa variedade que dá o encanto desse fenômeno. Ser professor é trabalhar com essa variedade de alunos que há em uma escola, o que torna o trabalho um pouco mais difícil, porém, encantador.

Quando nessa semana de prática resolvi propor para alunos de uma quarta-série um planejamento de aula onde pudessem, falar, levantar-se das cadeiras, sair da sala de aula, brincar, sorrir, questionar, refletir, criticar, ter autonomia, pesquisar, entre tantas outras ações que não estavam acostumados a fazer nessas aulas ditas tradicionais, encontrei uma grande barreira. Os sujeitos com que me deparei vinham dessa cultura escolar tão domesticadora que causava um estranhamento muito grande ao verem uma docência oposta ao que estavam acostumados.

Falas como: “Aprender a ter bons modos” e “Na quarta série eu espero me preparar bastante pro futuro” mostram o entendimento destes sobre o que é aula. Por isso quando se tenta fazer uma proposta diferente, o professor encontra tantos obstáculos. Como se vê a compreensão dos objetivos da instituição escolar está distorcida, ou será que não? Ao menos ultrapassada, para o que pedagogicamente se pensa sobre seu intuito.

É necessário intervir em sala de aula questionando essa prática domesticadora, para que, assim, construa-se um espaço onde se possa refletir com os educandos sobre os objetivos da escola, que esse preparar-se para o futuro na quarta-série seja poder pensá-lo no presente para assim poder transformá-lo anos mais tarde; e que aprender a ter bons modos seja construir modos de respeito ao outro, a suas opiniões, suas singularidades.

Aula pra mim é aprender coisas novas e saber respeitar o professor e os meus colegas. Porque eu acho isso? Porque tantas vezes eu vejo na TV alunos espancando os professores e os próprios colegas. (aluna)
--

Será que a revolta dos alunos e o desinteresse não são uma forma de demonstrar que não estão contentes? Já que não podem falar, só escutar, e quando falam não são ouvidos, entendidos. Esses sujeitos com os quais nos deparamos durante a docência, estão pedindo-nos que se aprenda a ter esses “bons modos”: o respeito. Uma ação vinda de ambos os lados educando e educador.

Percebe-se nas falas dos alunos que as coisas como estão, não estão legais, criticam as aulas, criticam a falsidade das máscaras que são colocadas pelo educador, no início, com suas propostas e que, ao longo do tempo, caem aos poucos. Quando essas falas não são críticas, nota-se um discurso pronto rodeando-as, no qual são moldadas a repetir as funções da escola de ficar sentado e copiar as coisas do quadro e quanto elas são boas para o futuro, para o vestibular e a faculdade.



Figura 6 – Um mundo com conteúdos estranhos (HARPER et all, 1980, p. 61)

A mente das crianças é esvaziada para ter espaço para ser colocado o que se quer no lugar de seus desejos, de suas vontades, suas curiosidades. Mas acham eles que tiraram tudo, porém há sempre um lugar secreto em cada mente e é nesse espaço que as ideias se rebelam, esse que ninguém pode controlar (as ideias) ninguém muda (IACOCCA, 1993).



Figura 7 – 3ª Charge Mafalda⁶

Há quem pensa que a escola é monstro de sete cabeças; há aqueles que insistem em uma escola de vidro; porém existem os que lutam pelas mudanças, que pensam uma escola melhor, uma escola de vida e que mesmo não tendo enxergado as mudanças não desistem e levam consigo com orgulho “Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo” (BENÁRIO, 1994, p. 240).

⁶ Retirado de <http://joanadourado.blogspot.com/2008/11/educacao-bancaria-mafalda.html> acessado em 24 de maio de 2010

Quando se abre a escola e convida os alunos, eles entram. Quando entra o professor a alegria se desfaz. Há algo nessa relação! Não se respeita o aluno, ao contrário, eles são colocados em vidros!



Figura 8 – Menino no vidro

Devido a todos esses vidros, senti dificuldade em minha prática na quarta-série. Ao mesmo tempo em que diziam gostar do meu modo de ser professora, diziam também que eu deveria ser um pouco mais chata.

Quando propus em sala que a turma descrevesse o que poderia ser melhor na semana em que estive com eles escreveram que gostaram da minha prática, porém eu deveria ser mais chata, inclusive tirar alguns colegas da aula. No último dia, após me despedir de todos os alunos, encontro um grupo na saída da escola que veio me dizer:

Professora, bem que tu poderia dar aulas para nós pra sempre, aí quando agente morrer a turma toda ficaria enfileirada nos caixões e tu por último continuando a dar aula.

Tão contraditório, tenho que ser mais chata e tirar alunos da sala, porém gostariam de ter a aula que dei até após a morte? Aí me questiono: porque professor tem que ser chato? E

se tem que ser chato porque as minhas aulas foram tão legais ao ver desta turma? “E a alegria começa onde a escola termina; pode-se fazer o que se quiser, não há mais sanções” (SNYDERS, 1993, p. 14).

As aulas são vistas pelos educandos como um espaço importante, importância essa que parece vir de um discurso já pronto: serve para o futuro, para o vestibular, para ficar sentado. Mas e depois da escola, não se estuda mais?

“Quando eu me formar eu não vou mais precisar estudar e vou pegar um trabalho de policial.” (aluno)

Pois é. Pelo visto, para visão desse aluno não é mais necessário, após sair da redoma de vidro que é a escola não se precisa mais do estudo, e porque precisaria se ela vive no seu mundinho a parte, dando conteúdos que não são concretos, que parecem apenas fazer parte do seu contexto que é preparar para o futuro. Essa fala mostra o quanto os saberes da escola estão aprisionados, nela mesma, tanto que depois que se sai de lá não é mais necessário continuar estudando, agora “pode-se fazer o que se quiser, não há mais sanções”.

A escola é caracterizada como um ambiente chato, com exceção da hora do recreio, bom, então se pode dizer que ter aula é chato, já que se convidados a ir a essa instituição por si só eles vão. Os alunos estão tão acostumados, ou melhor, domesticados por essa cultura de ser chata que quando se tenta mudar, tornar o ambiente mais agradável, mais atrativo isso causa um estranhamento, como se pensassem: mas isso não é aula, como pode ser aula se eu estou gostando? “...levar os alunos a provarem um pouco da experiência alheia, estranha, pouco plausível e, inclusive, incompreensível aos padrões da sua própria existência.” (PEREIRA, 2009, 3f.)⁷

Meu modo de ser professora causou, nesta turma, um desequilíbrio, pois achavam que brincar, fazer piadas, descontrair, dialogar sobre diversos assuntos, inclusive pessoais, sair das cadeiras, mudar a estrutura da sala, não era ter aula.

Lembro-me de estar trabalhando sobre os Jesuítas com eles. Após ter explicado passei um pequeno texto no quadro sobre o assunto. Como não estava acostumada a escrever no quadro com giz, estava indo lentamente nesse processo, nisso os alunos começaram a dizer que eu estava muito devagar. Comecei então a ditar o que ia escrever para que, assim, todos

⁷ Texto digitado, trabalhado na disciplina Ciências Sócio-Históricas no primeiro semestre de 2009, no curso de Pedagogia Licenciatura/UFRGS

escrevêssemos juntos. O engraçado é que eles terminavam antes e timidamente gozavam de mim. O que me surpreendeu foi que essa pequena atitude começou a virar um jogo, o jogo de quem escrevia mais rápido. Ao terminarem de escrever o que era ditado iam gritando “terminei”. Todos entraram na brincadeira e ríamos, ríamos, ríamos disso tudo. Quando me indagaram sobre eles estarem mais rápidos, apenas disse: “pois é, mas posso entender tudo o que está escrito e vocês com essa rapidez toda vão decifrar isso depois?” alguns me olharam e comentaram rindo: “bah, professora, como tu tá espertinha”.

Minha intenção naquele momento não era gerar uma competição entre eu e os alunos ou entre eles mesmos, nem mesmo ser uma ‘espertinha’ e fazê-los se darem mal. Ao contrário, aproveitei uma situação que percebi estar se tornando agradável para criar a motivação que faltava na turma: a alegria. Nesse jogo, todos foram dando-se conta que ninguém naquela sala era menos ou mais esperto que o outro, pois quem escrevia mais rápido terminaria mais rápido, porém poderia demorar, mais tarde, para entender sua letra. Quem escrevia mais devagar, poderia levar mais tempo escrevendo, porém poderia conseguir mais ligeiramente entender a escrita.

Momentos como esses eram vivenciados com prazer, porém era visível em seus rostos ao me olharem o quanto aquilo lhes parecia estranho, diferente. Por exemplo, nos momentos em que era proposto, algo mais dirigido, como nas brincadeiras, perguntavam-me quando íamos parar de brincar e começar a aula.

O estranhamento causado nos alunos e minha resistência diante disso, fez com que eles repensassem esse pensamento estático que tinham sobre a aula. Isso me faz lembrar da afirmação de La Taille (1999, p. 12) “Aquilo que hoje me limita, pode ser ultrapassado amanhã”. Percebi, nessa minha prática, que o professor é testado pela turma para ver até onde vão os seus ideais, as suas convicções, a sua atitude irreverente e sua autoridade. O seu limite é testado.



Figura 9 – Charge Kini e Sniff⁸

Não deixemos que os nossos medos definam nossos limites, assim como o professor tem seus receios pelo novo, os alunos também têm. Quando são colocados obstáculos pelos próprios alunos em relação ao que está sendo feito pelo educador, isso não quer dizer, necessariamente, que eles são contra o novo, mas sim que o diferente não é aceito dentro dessa cultura escolar modeladora. O estranhamento traz o medo desse novo, o limite do que conheço.

Não só o educador deve ultrapassar limites, mas também levar os educandos a ultrapassarem os seus, representados pelo medo do novo. Levando-os, assim, a refletir, a questionar sobre o que é considerado mesmo aula. Percebe-se que o estranhamento é uma forma de guiá-los a essa reflexão.

⁸ Retirado de <http://www.brasilecola.com/charges/charge-05.htm> acessado em 24 de maio de 2010

4 MINHA ESCOLA NÃO É DE VIDRO

Não há troca quando se está em um vidro fechado, quebrar os vidros faz-se necessário para que essa troca possa ocorrer. Mas como ficam as crianças quando saem do vidro, qual é o final dessa história, já que os vidros são os limites?

Bom, durante minha prática na quarta série propus aos alunos saírem, ao menos um pouco, dos vidros para respirar. Porém acho que o que consegui foi que começassem a botar a cabeça para fora e a escutar e a ser escutado. Isso era tão novo que chegava a ser estranho para eles. No entanto, como afirma Nietzsche (2006, p.16) “é preciso ter ainda um caos dentro de si para gerar uma estrela que dança”. Por isso, não posso parar de sonhar e acreditar na transformação.

É a partir das dificuldades, do caos que se cria força para ultrapassar os limites. Dessa forma, lutar pela construção de um espaço escolar mais atraente, sem vidros, onde os alunos tenham autonomia, liberdade, onde possam respirar, torna-se essencial e necessário.

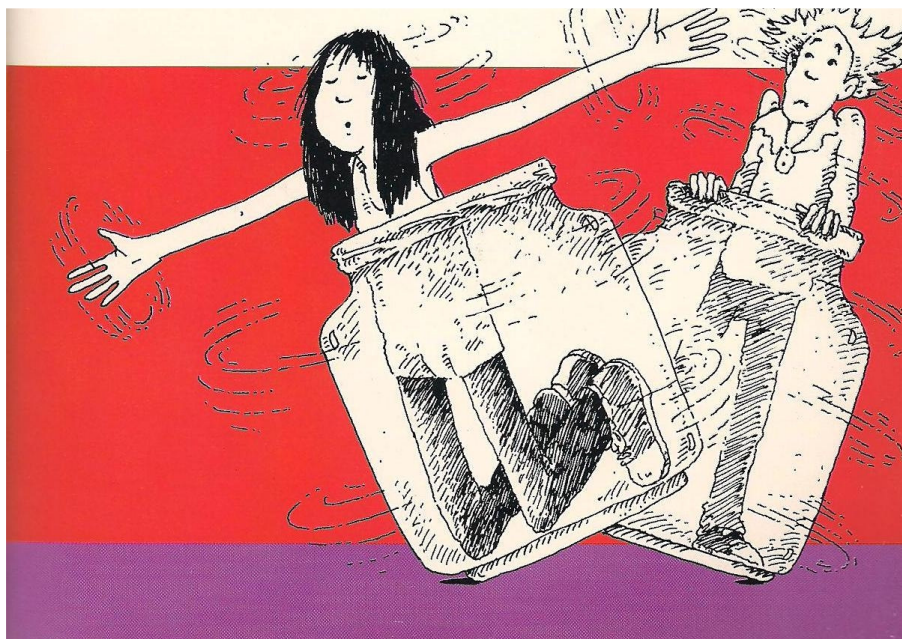


Figura 10 – Saindo dos vidros

E quantos profissionais, com medo da crítica, dos julgamentos e, por vezes, do que há de vir (trabalho constante e intenso) imobilizam-se, produzindo em si mesmo a frustração, a indiferença, um fazer de conta... (COLLARES, 1996, p. 152)

E se der errado? O primeiro passo é respirar fundo e não desistir! Porque se tem essa necessidade de acertar sempre, que tudo tem que sair como planejamos? O esperar certezas no trabalho como professora, pode nos apontar que, talvez, se esteja na profissão errada. Penso que seja o caráter imprevisível dessa profissão que o torna tão encantador. Por mais que se ache estar preparado para qualquer situação do cotidiano escolar é de surpreender o quão imprevisível é o trabalho docente. Há cada dia uma novidade. Nesses imprevistos encontramos muitas perguntas, dúvidas, questionamentos, atitudes que, em alguns instantes, causam espanto, alegria, satisfação e até mesmo constrangimento. O professor está rodeado por alunos que estão querendo descobrir o mundo a sua volta em todos os sentidos. E nós, professores, estamos ali para proporcionar que essas descobertas tenham sabor de aventura. Tarefa esta que promove muitos acontecimentos inesperados pelo caminho.

Não importa a série. Importa é a gente sair da casca que o medo e a timidez criaram e buscar um colega parceiro para tentar algo diferente. Assumindo riscos. Tudo, mesmo quando muito bem intencionado, pode dar problemas. Faz parte. Caminhando se faz o caminho. Errar é mais do que humano. É inevitável. (Kaercher, 2003, p. 109)

Como mostra o autor o erro faz parte desses acontecimentos, mas aprendi que não podem servir de barreira, trazendo frustrações por não ter alcançado o que se queria. Ao contrário, deve servir apenas como mais um tijolo para minha construção enquanto pedagoga. O importante é mudar as regras do jogo quando ele não está andando e jogar os dados novamente para saber para onde se vai agora.

É na mudança de atitude que se constrói o presente e transforma-se o futuro. Os alunos pedem a mudança, pedem que não se desista deles e é na prática de sala de aula, na transgressão de limites, na busca pela possibilidade do novo que se faz necessária essa construção.

Dar o caminho como concluído é determinar a Sora e a outros, o impedimento de prosseguir. Dizer seu futuro é estabelecer a repetição do antigo, do já conhecido. Deixa-lo em aberto, no entanto, é aceitar a vida como possibilidade e a construção do novo como transposição de limites. (COLLARES, 1996, p. 155)

Deixando o caminho em aberto têm-se possibilidades: possibilidade do novo, do diferente. Assim, pode-se encontrar em sala de aula frases que não sigam a idéia modeladora de que aula é apenas o que é tido como tradicional, e nesse ideal o conhecimento não é construído, mas sim transferido. Que, ao contrário, possamos encontrar frases como:

“aula não é copiar as coisas no caderno mas é também entender as coisas.” (aluno)

Poucos foram os alunos que escreveram concepções de aula opostas as que foram apresentadas neste trabalho, de uma turma de 26, três frases parecem mostrar outra visão. Nesta apresentada acima parece dar uma esperança aos educadores que acreditam que sua profissão não se baseia em passar conteúdos desconexos da realidade dos alunos no quadro e que após seja copiado por estes. Mas, sim, aponta a compreensão desses conteúdos, que para isso é necessário fazer-se concreto para a criança, caso o contrário apenas reproduzirá o que é passado sem ter entendido.

O aprendizado fica limitado aos afazeres escolares de tipo repetitivo, em que não conseguem entender muitas das coisas que lhe são ensinadas. Infelizmente, as crianças ainda continuam assimilando grande porção de conhecimentos de memória, e isso é, indubitavelmente, uma demonstração claríssima de como a atividade escolar tende a promover a submissão, como já reiteramos. Que maior mostra de submissão pode haver do que aprender a reproduzir de cor aquilo que não se entende? (DELVAL, 2006 p. 68-69)

As crianças não consideram conhecimento práticas que aprendem fora da sala de aula e da escola sem esforço, como: atravessar a rua, vestir-se, brincar. Mas sim o que lhes é passado nesse espaço institucional, com seus saberes autorizados, tidos como importantes, essencial. Aprendizagens concebidas através de um árduo trabalho (op.cit. 2006).

Mas será que a educação está presa a essa realidade, trancada em sua redoma de vidro sem poder ser mudada?

A realidade porém, não é inexoravelmente esta. Está sendo esta como poderia ser outra e é para que seja outra que precisamos, os progressistas, lutar. Eu me sentiria mais do que triste, desolado e sem achar sentido para minha presença no mundo, se fortes e indestrutíveis razões me convencessem de que a existência humana se dá no domínio da determinação. Domínio em que dificilmente se poderia falar de opções, de decisão, de liberdade, de ética. (FREIRE, 1996, p. 75)

A realidade não é essa, os alunos sabem disso quando dizem que aula é também entender as coisas ou quando pedem socorro para que seja ultrapassado o começo toda(o) querida(o) com brincadeiras e depois não fazer mais.

“pra mim aula é tudo porque tenho uma professora legal e amigos” (aluno)

“ aula é aprender coisas novas” (aluno)

Se lermos nas entrelinhas o que as crianças, os adolescentes e os jovens nos dizem em suas aparentes rebeldias ou em falas que parecem não ter sentido, veremos que há um mundo de idéias significativas onde eles tem muito a dizer, a contribuir. A instituição escolar abarca mais do que se imagina, devido a isso, o estranhamento frente a uma educação que se mostra irreverente. Ao mesmo tempo que desconforta por rachar vidros, também incita por possibilitar outros saberes que devem fazer parte da escola não só na hora do recreio. Refiro-me às falas citadas acima “ter uma professora legal e amigos (que possam dialogar entre si), a aprender coisas novas (que façam sentido para a vida dos educandos)”.

Não deixemos de ver, de sentir a essência das coisas. Na minha infância, quando eu estava na quarta-série, cheguei em casa perguntando a minha mãe se o Papai Noel existia, pois na escola haviam me dito que ele era uma mentira. A resposta que ela deu trago comigo até hoje, e quando meus alunos têm dúvida sobre questões que não sabem no que acreditar lhes pergunto: “tu acreditas? Pois alguns acreditam, outros não, mas o que importa é que se tu acreditas existe”. Como educadores não podemos deixar os sonhos, os desejos, a imaginação se perder, simplesmente acabar dentro desses vidros todos, mas sim, quebrar os vidros, aguçar a vontade de refletir, de questionar, de buscar o conhecimento para assim terem liberdade e autonomia para decidir no que acreditar.

CRASH!!!!!!!!!!!!!!



Figura 11 – Quebrando os vidros

[...] quebramos um vidro, depois quebramos outro e outro mais [...]

Foi um custo botar ordem na escola e o diretor achou melhor mandar todo mundo pra casa, que era pra pensar num castigo bem grande, pro dia seguinte.

Então eles descobriram que a maior parte dos vidros estava quebrada e que ia ficar muito caro comprar aquela vidraria toda de novo.

Então, diante disso, seu Hermenegildo (*o diretor da escola*) pensou um bocadinho, e começou a contar pra todo mundo que em outros lugares tinham umas escolas que não usavam vidro nem nada, e que dava bem certo, as crianças gostavam muito mais.

E que, de agora em diante, ia ser assim: nada de vidro, cada um podia se esticar um bocadinho, não precisava ficar duro nem nada...

Depois aconteceram muitas coisas que um dia ainda vou contar. (ROCHA, 2003).

5 CONCLUINDO O QUEBRA-CABEÇA

A partir deste estudo compreendo os obstáculos que são colocados ao docente quando este, dentro da instituição escolar, busca sair de um sistema domesticador para alcançar um ambiente que permite o diferente, onde se possa pensar que educação afinal queremos. “Mais que supressão de impulsos, domesticação, a educação é processo de construção do humano” (ARANTE, 2006, p. 86).

As imagens que se tem da escola e de aula, apresentadas neste trabalho, nos materiais para análise, mostram como são caracterizadas perante a sociedade. Os alunos têm consciência dessa distorção das funções da escola e pedem a mudança. Observa-se que quando não criticam o sistema escolar reproduzem um discurso pronto de suas funções. Traz-se, com isso, a necessidade de repensar essa imagem, questionando esse conceito na própria sala de aula junto com os alunos. A escola – como a fábrica, como a família, como o hospital, como a sociedade toda – não existe como uma coisa fixa, parada, imutável (HARPER at all, 1980, p. 107).

O professor encontra dificuldades ao tentar mudar devido a essa cultura escolar que domestica, fazendo com que as formas de se pensar à aula opostas ao que é tido como tradicional, rotineiro nesta instituição seja estranhado e não aceito. Acredito que o professor também esteja em vidros. Torna-se por isso uma luta árdua para quebrá-los. Quando há essa tentativa encontra-se outra barreira: os vidros dos alunos. O estranhamento impulsionado durante a docência causa inquietude, levando, assim, os educandos a ultrapassar seus limites, podendo aceitar o novo, o diferente. É a partir desse estranhamento que se deve começar a rachar os vidros da escola, desestruturando o pensamento dos alunos.

Por tudo isso me parece uma enorme contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa (FREIRE, 1996, p. 73).

Dessa forma, com perseverança e esperança na mudança, possibilitar a construção de um mundo escolar que não seja a parte, que não esteja em uma redoma de vidro com seus saberes aprisionados, mas sim, um mundo em que o estranhamento causado frente ao

irreverente possa ser um motivo para ultrapassar os medos, os limites, e assim alcançar a mudança, o novo, tão falado e assustador NOVO.

6 REFERÊNCIAS

- ARANTES, Valéria Amorim. Humor e alegria na educação. São Paulo: Summus, 2006.
- COLLARES Darli. As possibilidades da escola vida – A pedagogia do possível. Coletâneas do PPGEDU, Porto Alegre, vol. 2, n. 5, p. 148-156, mar./abr. 1996.
- DE LA TAILLE, Y. Limites: três dimensões educacionais. São Paulo: Ática, 1999
- DELVAL, Juan. Manifesto por uma escola cidadã. Campinas, SP: Papirus, 2006
- EIZIRIK, MARRISA FAERMANN. COMERLATO, DENISE. A escola (in)visível: jogos de poder, saber, verdade. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- FLOYD, Pink. The Wall. Another Brick In The Wall (faixa 5). Gravadora: Sony Music, 1979
- FORTUNA, Tânia Ramos. Sala de aula é lugar de brincar? In: Planejamento em destaque: análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HARPER, Babette et al. Cuidado Escola. 11º ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- KAERCHER, Nestor A. Ciência Geográfica. Bauru. Vol. IX, janeiro/abril, 2003.
- LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- MEYER, Augusto. Segredos da Infância. 3.ed; No tempo da flor. 2ed.. Porto Alegre: IEL/Editora da Universidade/UFRGS, 1996
- MORAIS, Fernando. Olga. 16ª edição revista São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Assim Falava Zarathustra. São Paulo: Escala Educacional, 2006
- PEREIRA, Nilton M. As ciências sociais nas séries iniciais. 4f (texto digitado, trabalhado na disciplina Ciências Sócio-históricas no primeiro semestre de 2009, no curso de Pedagogia Licenciatura/UFRGS)
- ROCHA, Ruth. Admirável mundo louco / Ruth Rocha; 2. d. , São Paulo: Salamandra, 2003.
- SNYDERS, Georges. Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.